

VILÕES DA INFLAÇÃO

Culpar os hortícolas pela inflação mascara os verdadeiros vilões do custo de vida.

*Por Rafaela Cristina da Silva e
Margarete Boteon*

Ao longo da história da economia brasileira, o processo inflacionário rendeu a fama de “vilão” a diversos produtos do setor hortícola. No governo de Ernesto Geisel (1974 a 1979), o chuchu foi apontado como o causador da inflação, enquanto que no governo de Luiz Inácio Lula da Silva (a partir de 2003), a mídia vem atacando o tomate, que é seguido de perto pela cebola e pela batata nos noticiários.

Em 1977, o então ministro da Fazenda, o economista Mario Henrique Simonsen, utilizou a valorização do chuchu para justificar o aumento dos índices de preços daquele ano, originando a chamada “inflação do chuchu” e mascarando um processo de total descontrole inflacionário que ficaria evidente nos anos seguintes. Naquele período, a inflação já se encontrava na casa dos 40% ao ano e, até 1994, o Brasil apresentou os maiores aumentos de preços praticados no mundo. Em 1990, a inflação superou 1.700% ao ano.

A partir do plano Real, o aumento generalizado dos preços foi reduzido e o assunto deixou de ser destaque das primeiras páginas nos jornais, mas coadjuvantes de outro indicador mais assustador nos dias de hoje: a taxa de juros. Desde 1999, no governo de Fernando Henrique Cardoso, o controle da inflação é realizado através das taxas de



Foto: IBRAF

juros. Quando os termômetros da inflação começam a subir, o Banco Central eleva as taxas de juros, para controlar a alta dos preços.

Na atualidade, acompanhar os índices de inflação e seus reais impactos é importante porque podem causar elevações de juros, que desestimulam investimentos na economia e, conseqüentemente, a geração de empregos.

Apesar de diversos jornais ainda destacarem os hortícolas como causadores da inflação, principalmente aqueles com fortes oscilações de preço como o tomate, não são estes os reais responsáveis pelo aumento do custo de vida do brasileiro. Esta edição, a **Hortifruti Brasil** busca esclarecer a real participação dos hortícolas nas contas do consumidor brasileiro e explicar porque estes não são os vilões da economia brasileira.

SALADA IMPULSIONA INFLAÇÃO?

Várias considerações econômicas devem ser feitas antes de acusar o setor hortícola como “vilão da inflação” na era do Real. Em primeiro lugar, a inflação em um determinado mês é resultado de uma variação média dos preços de vários produtos e serviços, ponderados por sua participação em uma cesta de compras adquirida pelo brasileiro com um determinado nível de renda.

Portanto, o índice inflacionário reflete apenas o aumento dos preços dos produtos de uma cesta pré-estabelecida pelo órgão que a pesquisa e consumida por um grupo determinado de pessoas. Contudo, na prática, cada indivíduo tem sua cesta de compras

própria, atrelada a fatores diversos, como oscilações de preços, disponibilidade de mercadorias e preferência por alguns produtos em determinadas épocas do ano – frutas e hortaliças frescas no verão, uvas no natal etc.

O cálculo do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), por exemplo, é baseado em uma cesta básica fixa, na qual a quantidade de bens consumidos é sempre a mesma, independentemente do valor desses itens. No caso do tomate, o Dieese considera o consumo de 9 quilos do produto para São Paulo, mesmo em períodos de alta de seus preços.

Na prática, porém, é evidente

a substituição deste ou de outro hortícola considerado caro pelo consumidor por qualquer um dos mais de 50 produtos de origem vegetal disponíveis no mercado. A mesma substituição, porém, não pode ser feita com outros grupos alimentícios essenciais à maioria da população, como o arroz, o feijão e os serviços públicos. O índice de inflação ao consumidor divulgado pelo IBGE, o IPCA, também não considera os efeitos de substituição de produtos da cesta que contabiliza. Já a metodologia do IPC-Fipe considera a substituição do consumo de bens e serviços que tiveram aumento relativo de preços por aqueles que ficaram mais bara-

O que as siglas querem dizer:

IPC-Fipe: Índice de Preços ao Consumidor. Calculado pela FIPE/USP.	Mede a variação dos preços de produtos e serviços, no município de São Paulo, para famílias que ganham de 1 e 20 salários mínimos por mês. Na composição do índice, a participação da alimentação é de aproximadamente 23%.
INPC: Índice Nacional de Preços ao Consumidor. Calculado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).	A pesquisa é feita nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife, São Paulo, Belém, Fortaleza, Salvador e Curitiba, além do Distrito Federal e do município de Goiânia. Mede a variação dos preços de produtos e serviços consumidos pelas famílias com rendas entre 1 e 8 salários mínimos por mês. O período de coleta de preços vai do primeiro ao último dia do mês corrente e é divulgado aproximadamente após o período de oito dias úteis.
IPCA: Índice de Preços ao Consumidor Amplo. Calculado pelo IBGE.	Realizado nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife, São Paulo, Belém, Fortaleza, Salvador e Curitiba, além do Distrito Federal e do município de Goiânia. Mede a variação nos preços de produtos e serviços consumidos pelas famílias com rendas entre 1 e 40 salários mínimos por mês. O período de coleta de preços vai do primeiro ao último dia do mês corrente e é divulgado aproximadamente após o período de oito dias úteis.

Entenda o significado dos indicadores de inflação

Entende-se por inflação o aumento do nível geral dos preços. Para medir a variação nos preços, foram criados os índices de inflação.

No Brasil, existem vários indicadores que apontam as variações dos preços ao consumidor. A diferença entre eles é o período da análise, a faixa de renda da população e a sua correspondente cesta de consumo, além da região geográfica pesquisada. A tabela ao lado apresenta com algumas informações básicas sobre os principais índices de inflação.

tos, sendo capaz de captar o efeito-substituição.

É claro que seria impossível calcular a inflação a partir de informações específicas da lista de compras de cada cidadão brasileiro, mas, mesmo considerando uma cesta básica única, a elevação dos preços dos hortícolas não chega a causar alteração no custo de vida de grande parcela da população por diversos motivos. Primeiro devido à possibilidade de substituição quando um produto torna-se mais caro e, segundo, porque os preços não sobem infinitamente, mas, obedecem à sazonalidade da produção, aumentando em determinados momentos e caindo em outros. Assim, os hortifrutícolas não alimentam processos inflacionários de médio e longo prazo.

Avaliando a inflação de março e abril de 2003, segundo o IPC-Fipe, o índice acumulou no período alta de 1,24%; deste aumento, o grupo da alimentação (que inclui o tomate) participou com 35%, sendo responsável pela

elevação acumulada de 0,43% no período. Já nos meses de maio a julho de 2003, o grupo da alimentação não estava mais em alta; acumulou queda de 0,41% no período e contribuiu para a desaceleração da inflação, que acumulou alta de somente 0,07% nos dois meses.

O tomate participa com 0,23% da formação do IPC-Fipe. O peso dos hortícolas é de 3,6% no índice.

Atualmente, existe uma tendência muito forte para adotar os chamados “núcleos de inflação” que excluem de seu cálculo itens com forte oscilação de preços decorrente, principalmente, de mo-

tivos sazonais. Vários institutos de pesquisa já consideram esse indicador em suas análises.

A motivação de se criar um “núcleo” para a inflação surgiu da necessidade de eliminar, em determinados períodos, a variação de alguns preços considerados não representativos. Isto é importante porque nenhuma política de taxa de juros pode frear os problemas derivados das oscilações climáticas sobre a produção ou mesmo num período de entressafra. Em suma, quanto maior a capacidade do núcleo de eliminar os preços atípicos, melhores as informações que estarão disponibilizadas para a economia como um todo e, em específico, ao Banco Central, a fim de contribuir com o processo de tomada de decisão sobre a fixação da taxa de juros. É comprovado que os preços, em determinados setores da economia, estão mais sujeitos a variações extremas e, portanto, sua exclusão é capaz de tornar o índice de inflação ainda mais eficiente.

POR QUE O TOMATE ESTÁ SEMPRE NOS HOLOFOTES DA MÍDIA?

Por suas características agrônomicas e comerciais particulares, o tomate é um dos hortícolas com maior oscilação de preço. Como conseqüência, o produto vem se destacando como o favorito dos jornais quando o assunto é a “inflação dos hortícolas”. Porém, enquanto sua valorização rende manchete em diversos jornais, a queda de seu preço é explicada, no máximo, em pequenas notas.

No dia 1º de abril de 2003, por exemplo, o Jornal Nacional trazia como manchete: “Tomate: vilão da economia”. A notícia se referia

à valorização recorde do produto entre fevereiro e março daquele ano, decorrente de sua forte escassez no mercado interno, ocasionada pelo calor excessivo nas lavouras nos meses anteriores, que antecipou o final da safra de verão para aqueles meses. De acordo com dados do Cepea, em março de 2003, o tomate salada AA longa vida foi comercializado a cerca de R\$ 42,00/cx de 23 kg no atacado de São Paulo, aproximadamente 150% acima do valor praticado no mês anterior.

Entretanto, nos meses que an-

tecederam esta notícia, a oferta do tomate era tão intensa que o produto foi comercializado ao redor de R\$ 14,00/cx de 23 kg, no atacado paulistano. Em julho de 2003, posteriormente à fama de “vilão”, a entrada de uma nova safra do produto derrubou os preços para R\$ 12,00/cx de 23 kg, no atacado de São Paulo. Esse recuo, contudo, sequer foi comentado pela Rede Globo e teve apenas algumas notas nas últimas linhas dos grandes jornais impressos.

Na realidade, na maior parte do ano, a oferta de tomate é abun-

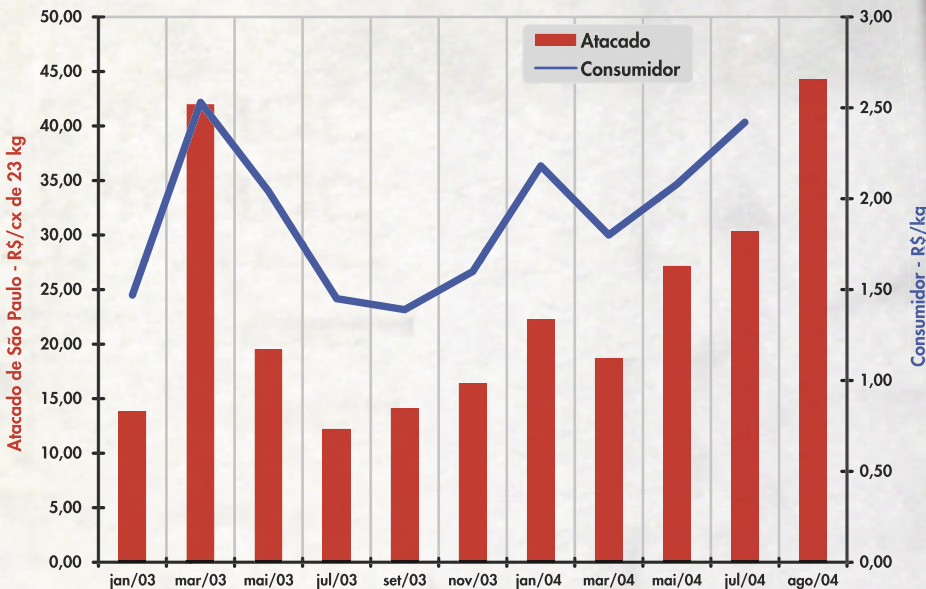
dante e seus preços são acessíveis aos diversos níveis da população. Mesmo quando há escassez do produto, resultando em sua valorização, é possível encontrar no mercado substitutos muito próximos, capazes de suprir as necessidades da população sem elevar seu custo de vida.

O principal fator que ocasiona as contínuas oscilações no preço do tomate são suas características agronômicas, que fazem com que sua produção oscile muito devido a fatores climáticos. Enquanto que em períodos mais frios a maturação do fruto é bastante lenta, chegando a reduzir sensivelmente o volume colhido em algumas lavouras, no calor, a colheita é intensificada, ocasionando aumentos repentinos na oferta do produto. Além disso, a alta perecibilidade do tomate exige dos varejistas a compra diária de um volume razoável e não permite a formação de estoques para antecipar aumentos ou reduções da oferta, que poderia contribuir

para regular os preços.

Uma outra questão, de origem econômica, que reflete em variações constantes no preço não só do tomate mas também dos demais hortícolas é a pouca liberação de crédito governamental aos produtores. Sem o financiamento do Estado, a baixa capitalização ou mesmo a descapitalização desses agentes em uma safra de preços baixos tende a desestimular os plantios e os cuidados fitossanitários necessários à produção do período seguinte, resultando em colheitas menores e, conseqüentemente, na comercialização do produto a valores mais altos. Por outro lado, com a possibilidade de obter financiamento, os produtores poderiam programar safras mais regulares, resultando em menores oscilações de preços. ■

Vai-e-vem do tomate



Fonte: Cepea e Dieese



Jornal

Cebola e batata são vilões da inflação" no mês
(OESP - 24/08/04)

Tomate: vilão da economia
(JN - 01/04/03)

O tomate, o vilão da inflação no mês passado, será o principal fator de alívio neste mês.
(FSP - 13/05/03)

Tomate quase dobra de preço e volta a ser vilão da inflação
(FSP - 10/11/03)

O recuo do IPCA em fevereiro ocorreu principalmente pela desaceleração dos reajustes dos alimentos, de 0,88% para 0,15% com queda de preços de produtos como açúcar refinado (11,06%), tomate (3,71%) e pão francês (0,72%).
(OESP - 12/03/04)

Campo pressiona inflação
(VE - 03/06/04)

No grupo, a maior queda foi a do tomate (39,74), por fatores climáticos.
(VE - 28/07/04)

TOMATE: VILÃO DA INFLAÇÃO

A falsa idéia de que os preços dos hortícolas são geradores de inflação é alimentada pelos meios de comunicação – jornais impressos, televisivos, radiofônicos e on-line –, muitas vezes não-especializados e que todo mês anunciam o índice de inflação com manchetes baseadas somente nas maiores variações dos preços, sem contabilizar sua importância real no custo final da cesta básica e seu efeito substitutivo.

Na tentativa de mostrar que a mídia recorrentemente aponta o tomate como “vilão” da inflação, foram analisadas 260 notícias que relacionavam o índice de inflação a variações de preços de hortifrutícolas, de quatro importantes jornais: o Jornal Nacional, Valor Econômico, Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, no período de janeiro de 2003 e agosto de 2004.

Ao analisar esses veículos, foi observado que várias notícias em que o tomate aparecia como “vilão” do custo da cesta básica renderam manchetes. Já em ocasiões em que o preço recuava, o tomate não ganhava tamanho destaque, pelo contrário, o assunto era comentado nas últimas linhas das notícias.

Ao lado, confira algumas das manchetes e trechos veiculados por esses jornais no período pesquisado.

**Nota: JN – Jornal Nacional ;
FSP – Folha de São Paulo;
OESP – O Estado de São Paulo
VE - Valor Econômico**